central del Opus Dei, y está organizada de modo temático, “según los aspectos del quehacer ordinario”.

La primera parte comprende su infancia y adolescencia, durante la Segunda Guerra Mundial y la posguerra. En esta trayectoria se sitúa el encuentro con el Opus Dei, al comienzo de la labor apostólica con mujeres en Alemania, y el inicio de su camino vocacional como numeraria, en 1955, y algunos encuentros ocasionales con el fundador con motivo de sus viajes a ese país. Estos encuentros fueron más frecuentes durante una estancia de varios meses (1957/58) en la sede central del Opus Dei en Roma, para asistir a un curso internacional de formación. De regreso a Alemania pudo ayudar en el desarrollo de las actividades apostólicas allí, a la vez que terminaba su carrera de Filología alemana e inglesa. En el curso 1964-1965 trabajó como profesora del Instituto Internacional de Ciencias de Educación, con sede en Castelgandolfo. Al cabo de un año de esta nueva experiencia, que narra en el capítulo VI, recibió la llamada de san Josemaría para formar parte del gobierno central en Roma, en lo referente a los estudios y la formación doctrinal de las mujeres del Opus Dei.

La experiencia de los siguientes diez años de estrecha colaboración con el fundador del Opus Dei está expuesta, en síntesis, en el capítulo VII con un enfoque no cronológico, sino temático. Refleja, a través de los hechos, las características personales de san Josemaría y su estilo de dirigir, a la vez que formaba a sus colaboradores en libertad, iniciativa y responsabilidad personal sobre la base de una genuina piedad. Relata la expansión del Opus Dei por el mundo, la relación con los Romanos Pontífices, la época conciliar y la situación de la Iglesia en los años postconciliares, hasta la muerte de san Josemaría. El relato no obvia situaciones difíciles y conflictivas, dejando constancia del modo de resolverlas el fundador del Opus Dei mediante el ejercicio de las virtudes propias del buen gobierno.

El último capítulo titulado “Mis padres y el Opus Dei” enlaza con el primero, mostrando con hechos el cambio de actitud de sus padres, desde la inicial preocupación y el desconcierto ante la vocación de su hija hasta la gratitud y la alegría que experimentaron años más tarde al ver la trayectoria que había seguido.

La parte central del libro contiene doce páginas de fotografías que documentan, en orden cronológico, el relato.

Elisabeth Reinhardt

Rafael LLANO CIFUENTES, *Mar adentro: memórias*, São Paulo, Quadrante, 2018, 317 pp.

Mar adentro: memórias foi o testemunho final de D. Rafael Llano Cifuentes, que faleceu em 28 de novembro de 2017, quando o livro estava nos processos finais da publicação. O autor nasceu na Cidade do México, em 18 de fevereiro de 1933, teve mais oito irmãos, entre eles o filósofo e empresário Carlos Llano Cifuentes (1932-2010) e Ale-

jandro Llano Cifuentes, reitor da Universidade de Navarra entre 1991 a 1996. Seus pais eram procedentes de Astúrias, Espanha. A família paterna tinha negócios no México e a da sua mãe em Cuba. Por isso sua formação deu-se em lugares variados, para fixar-se finalmente em Madri a partir de 1941. Essa trajetória inicial pessoal e da família, cheia de costumes cristãos, foi descrita no primeiro capítulo. Contudo as relações familiares marcam todo o livro, que o autor deixou bem claro ao princípio: «Este livro registra a passagem de Deus pela vida de um homem e da sua família» (p. 13). Além disso, o penúltimo capítulo (capítulo 17) traz uma breve descrição de aspectos da vida de cada um dos seus irmãos, a modo de homenagem à cada um deles.

O conhecimento da mensagem do Opus Dei e a descoberta da sua vocação é retratada como o momento decisivo da sua vida já no capítulo 2, e a partir de então o livro passa a ser um testemunho valioso da história dos inícios do Opus Dei. Já como membro numerário, D. Rafael lembra seus estudos universitários na Faculdade de Direito de Granada, viagens aos Estados Unidos, Inglaterra, Irlanda, a transferência para a Universidade de Salamanca e o serviço militar (capítulos 2 a 5). Muitos membros do Opus Dei, centros e atividades são citados, com as suas vivas impressões pessoais, que torna a narrativa cativante.

Não há dúvidas, entretanto, que a parte mais interessante do livro estão nos capítulos onde ele descreve a sua relação com o fundador do Opus Dei (capítulos 6 a 9). Conheceu São Josemaria pela primeira vez em 1951, de modo inesperado, enquanto passava uns dias no centro do Opus Dei na rua Diego de León em Madri (pp. 61-62). Contudo, foi a partir do dia 13 de outubro de 1956, quando foi morar em Roma que sua relação com ele intensificou-se. Algum tempo depois de chegar, foi nomeado pelo fundador seu segundo secretário, trabalhando junto a D. Javier Echevarría (1932-2016), que era então o primeiro secretário. Sua vida durante esse período é descrita com uma profusão de anedotas do trabalho ordinário e da relação filial com São Josemaria Escrivá. «A minha vida ao lado do Padre foi, sem dúvida, a época mais importante da minha existência», afirmou o autor (p. 91). Parece-nos a parte mais luminosa da obra, também porque traz afetuosas recordações de Mons. Escrivá.

Como afirma no início do capítulo 10, D. Rafael Llano Cifuentes foi ordenado em 20 de dezembro de 1959 e pouco tempo depois foi destinado ao Brasil, palco das suas memórias até o final do capítulo 16. Depois de descrever os primeiros momentos em terra brasileira, dedica todo o capítulo 11 à visita de São Josemaria Escrivá no Brasil, narrando o seu emotivo reencontro com o fundador. Depois de morar um tempo em São Paulo, iniciou o trabalho apostólico do Opus Dei na cidade do Rio de Janeiro, a partir de 1974, onde foi o primeiro sacerdote e desenvolveu um trabalho fecundo e diversificado.

Foi ordenado bispo em 29 de junho de 1990 (capítulo 13), passando a auxiliar Dom Eugênio de Araújo Sales (1920-2012), cardeal e arcebispo do Rio de Janeiro. Em 20 de junho de 2004 tornou-se bispo diocesano de Nova Friburgo, no estado do Rio de Janeiro, onde esteve até 2010. É o último período da sua vida, que ocupa os capítulos 14 a 16. Esse período é rico em referências históricas importantes, como a sua amizade com dife-

rentes personalidades eclesíásticas, a sua presença na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), onde ocupou diferentes cargos, a sua relação carinhosa com Dom Álvaro del Portillo (1914-1994) e seus encontros com São João Paulo II (1920-2005).

O livro, como parece ficar claro pela breve descrição do seu conteúdo, tem relevância para a história do Opus Dei e da Igreja no Brasil. Há muitas referências a pessoas e fatos, e algumas passagens dignas de nota para um historiador, como o momento da eleição de João XXIII (pp. 129-130), a morte da Carmen Escrivá que ocupa todo o capítulo 8 e muitos episódios do seu trabalho como bispo no Rio de Janeiro e em Nova Friburgo. Nesse sentido, podemos afirmar que a obra é de grande interesse documental e indispensável para uma futura biografia, ou a história do desenvolvimento do Opus Dei no Brasil, particularmente no Rio de Janeiro.

Entretanto, trata-se de um livro de memórias, escrito ao final da vida, sem uma grande preocupação com o rigor dos fatos. Seria útil deixar registrado uma correção histórica, a título de exemplo, de como um livro de memórias deve ser utilizado com critério quando quisermos conhecer a história com rigor científico. Na página 201, quando se fala do primeiro membro do Opus Dei supernumerário do Rio de Janeiro, Thomasz Lychowski, afirma-se que ele nasceu na Polônia e foi batizado por D. Lucas Moreira Neves. Ambas informações estão equivocadas. Em conversa pessoal com ele, um profundo admirador de D. Rafael e dos seus livros, comentou essas imprecisões. Embora de pais poloneses, ele não nasceu na Polônia, e sim em Huambo, chamada então como Nova Lisboa, em Angola; também não foi batizado por D. Lucas Moreira Neves, e sim um confrade seu, Frei Anton, em 23 de outubro de 1960. Lychowski conheceu D. Lucas em conversas de direção espiritual. Esse é um pequeno exemplo que, porém, em nada desmerece esse belíssimo livro de memórias que, se falta a exatidão dos dados, deixa transparecer a personalidade forte, simples e amável do autor.

O livro *Mar adentro: memórias* é uma obra feita com o coração. Um coração que enquanto batia nesta terra foi um gerador de alegria a todos que conviviam com ele, como os episódios narrados conseguem mostrar, dentro da limitação das frias páginas de papel. O valor principal dessas memórias é compartilhar a grandiosidade desse coração, que muito cresceu e se transformou com a convivência e os ensinamentos de São Josemaria Escrivá e com a disposição generosa e aberta à existência. O último capítulo, *Uma palavra final*, é o que melhor espelha sua própria personalidade, e onde demonstra também a elevada qualidade literária da obra. Não encerra apenas o livro, mas a sua vida, a modo de “testamento final”. E é uma ode à vida, ao valor da ancianidade, uma reafirmação das suas palavras favoritas: juventude, otimismo, esperança. «Se a esperança é o módulo para medir a juventude, se ser jovem é ter muito futuro, um homem, no crepúsculo da sua vida (...), pode sentir-se como uma criança que tem pela frente um futuro interminável, um futuro eterno» (p. 316).

Alexandre Antosz Filho